

Material para os alunos de
Arquitetura e
Urbanismo

Materia: IPT

Professora: Sílvia Drum

Campus: Norte

cguiduali@masstin.com.br

①

1. Leitura

A leitura é um gesto de interpretação que é, necessariamente, atravessado pela história do sujeito leitor. O sujeito sempre imprime sua marca naquilo que interpreta. Não existe, portanto, uma leitura isenta da marca do sujeito. A interpretação pode-se dar do texto oral e escrito, do verbal do não verbal. É importante que se considere ainda que a interpretação é igualmente determinada pelas condições sócio-histórica que a constituem. Em outras palavras, toda interpretação tem de considerar o contexto da realização do texto. O contexto pode ser imediato – situação mais próxima ao texto – ou macro – condições sócio-históricas constitutivas da memória do sujeito autor e sujeito leitor.

2. Texto

Texto é uma unidade de sentidos. Temos texto escrito e oral, verbal (elementos lingüísticos) e não-verbal (gestos, signos e marcas). Um mesmo texto pode ter diferentes interpretações em diferentes momentos, porque as condições de produção de leitura podem oferecer novos aspectos que questionam o texto. A interpretação também pode variar de uma pessoa para a outra. Lembre-se de que interpretação se dá a partir das referências do sujeito leitor.

Linguagem Verbal e Linguagem Não-Verbal

Existem várias formas de comunicação. Quando o homem se utiliza da palavra, ou seja, da linguagem oral ou escrita, dizemos que ele está utilizando uma linguagem verbal, pois o código usado é a palavra. Tal código está presente, quando falamos com alguém, quando lemos, quando escrevemos. A linguagem verbal é a forma de comunicação mais presente em nosso cotidiano. Mediante a palavra falada ou escrita, expomos aos outros as nossas idéias e pensamentos, comunicando-nos por meio desse código verbal imprescindível em nossas vidas.

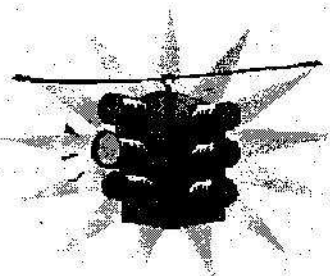
- ela está presente em textos em propagandas;
- em reportagens (jornais, revistas, etc.);
- em obras literárias e científicas;
- na comunicação entre as pessoas;
- em discursos (Presidente da República, representantes de classe, candidatos a cargos públicos, etc.);
- e em várias outras situações.

Linguagem Não-Verbal

Observe a figura ao lado, este sinal demonstra que é proibido fumar em um determinado local. A linguagem utilizada é a não-verbal pois não utiliza do código "língua portuguesa" para transmitir que é proibido fumar.



Observe a figura ao lado, este sinal demonstra que é proibido fumar em um determinado local. A linguagem utilizada é a não-verbal pois não utiliza do código "língua portuguesa" para transmitir que é proibido fumar.



Na figura ao lado, percebemos que o semáforo, nos transmite a idéia de atenção, de acordo com a cor apresentada no semáforo, podemos saber se é permitido seguir em frente (verde), se é para ter atenção (amarelo) ou se é proibido seguir em frente (vermelho) naquele instante.

Como você percebeu, todas as imagens podem ser facilmente decodificadas. Você notou que em nenhuma delas existe a presença da palavra? O que está presente é outro tipo de código. Apesar de haver ausência da palavra, nós temos uma linguagem, pois podemos decifrar mensagens a partir das imagens.

O tipo de linguagem, cujo código não é a palavra, denomina-se linguagem não-verbal, isto é, usam-se outros códigos (o desenho, a dança, os sons, os gestos, a expressão fisionômica, as cores).

O poder da linguagem não-verbal
Gestos e incongruências

2

Linguagem Formal e Informal

Linguagem apresenta um significado social, adquirido pelos próprios valores da sociedade. Nesse sentido, a linguagem representa uma forma de poder.

Linguagem Informal-utilizada nas situações do cotidiano.

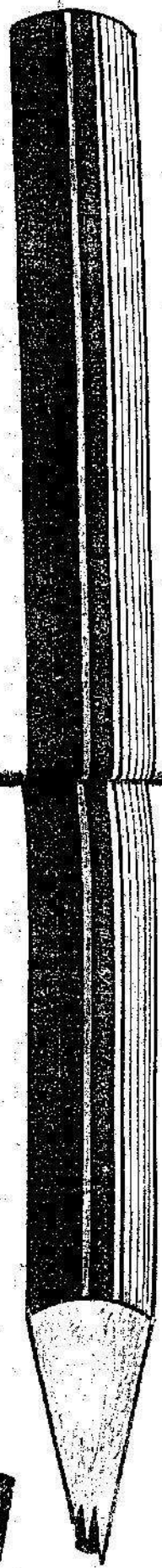
Linguagem Formal utilizada nos discursos oficiais, fala em público, provas escolares etc.

A linguagem formal ou língua padrão, por exemplo, ocupa um espaço privilegiado na sociedade: ela é o conjunto de formas consideradas como o modo correto, socialmente aceitável de falar ou escrever.

O padrão não se estabeleceu por acaso; em todas as sociedades modernas ele é o fruto de um processo histórico seletivo, ou seja, a língua padrão, na sua origem, é a língua do poder político, econômico e social.

Não utilizar esta linguagem formal ou língua padrão em certos contextos implica censura, discriminação e mesmo bloqueio à ascensão social.

3



O TEXTO ESCRITO

O texto escrito

O que é um texto? O que diferencia o texto falado do escrito? Como avaliar se um texto está bem estruturado, se é coerente e coeso? Como avaliar a qualidade? Começamos a investigar agora esses e outras questões que fazem parte das preocupações de quem escreve.

A luta que os alunos enfrentam com relação à produção de textos escritos é muito especial. Em geral, eles não apresentam dificuldades em se expressar através da fala coloquial. Os problemas começam a surgir quando este aluno tem necessidade de se expressar formalmente e se agravam no momento de produzir um texto escrito. Nessa última situação ele deve ter claro que há diferenças marcantes entre falar e escrever.

Na linguagem oral o falante tem claro com quem fala e em que contexto. O conhecimento da situação facilita a produção oral. Nela o interlocutor, presente fisicamente, é ativo, tendo possibilidade de intervir, de pedir esclarecimentos, ou até de mudar o curso da conversação. O falante pode ainda recorrer a recursos que não são propriamente linguísticos, como gestos ou expressões faciais. Na linguagem escrita a falta destes elementos extratextuais precisa ser suprida pelo texto, que se deve organizar de forma a garantir a sua inteligibilidade.

Escrever não é apenas traduzir a fala em sinais gráficos. O fato de um texto escrito não ser satisfatório não significa que seu produtor tenha dificuldades quanto ao manejo da linguagem cotidiana e sim que ele não domina os recursos específicos da modalidade escrita.

A escrita tem normas próprias, tais como regras de ortografia — que, evidentemente, não é marcada na fala — de pontuação, de concordância, de uso de tempos verbais. Entretanto, a simples utilização de tais regras e de outros recursos da norma culta não garante o sucesso de um texto escrito. Não basta, também, saber que escrever é diferente de falar. É necessário preocupar-se com a constituição de um discurso, entendido aqui como um ato de linguagem que representa uma interação entre o produtor do texto e o seu receptor; além disso, é preciso ter em mente a figura do interlocutor e a finalidade para a qual o texto foi produzido. Para que esse discurso seja bem-sucedido, deve constituir um todo significativo e não fragmentos isolados justapostos. No interior de um texto devem existir elementos que estabeleçam uma ligação entre as partes, isto é, elos significativos que conferem coesão ao discurso. Considera-se coeso o texto em que as partes referem-se mutuamente, só fazendo sentido quando consideradas em relação umas com as outras.

DURIGAN, Regina H. de Almeida et alii. "A dissertação no vestibular". In: *A magia da mudança* — vestibular UNICAMP: língua e literatura. Campinas, Editora da UNICAMP, 1981. p. 13-4.

4

5

Leia o texto abaixo, uma tira de *As cobras*, de Luís Fernando Veríssimo:



Zero Hora, Segundo Caderno, 13 fev. 1995.

A leitura do primeiro quadrinho, isolado do segundo, deixaria o presidente Fernando Henrique e sua equipe muito gratificados, já que sua administração recebe nota máxima (dez) na avaliação de um dos interlocutores do diálogo aí transcrito.

Confrontado com o segundo, no entanto, o significado do quadrinho um se altera consideravelmente e provoca decepção. *Dez* passa a ser lido como um indicador de velocidade e não como a nota máxima de uma escala convencional. Com a quebra de expectativa criada pelo quadrinho um, produz-se um efeito de humor, e o texto, no seu todo, passa a ser uma sátira à lentidão com que se tomam as decisões do governo.

Essa tirinha é exemplar para demonstrar dois dados importantíssimos na leitura de um texto:

a) num texto, o significado de uma parte não é autônomo, mas depende das outras com que se relaciona. Tanto é verdade que, no caso da tirinha acima, fomos obrigados a reinterpretar o sentido do quadrinho um, quando o confrontamos com o dois.

b) o significado global de um texto não é o resultado de mera soma de suas partes, mas de uma certa combinação geradora de sentidos. Não fosse esse dado, o pequeno texto humorístico admitiria a seguinte leitura: que o governo de FHC merece nota dez e que anda a dez quilômetros por hora. Qualquer leitor médio de texto diria que interpretá-lo dessa forma significa não tê-lo entendido.

Em síntese, num texto o sentido de cada parte é definido pela relação que mantém com as demais constituintes do todo; o sentido do todo não é mera soma das partes, mas é dado pelas múltiplas relações que se estabelecem entre elas.

Ao explicar o sentido da tira aqui reproduzida, usamos diversas vezes a palavra *texto*. Mas o que é um texto? Essa palavra é bastante usada na escola e mesmo fora dela. É muito freqüente ouvirmos frases como *seu texto ficou muito bom; o texto sobre o qual versaram as questões da prova de Português era muito longo e complexo; os atores de novela devem decorar textos enormes todos os dias; o texto constitucional desceu a detalhes que deveriam estar em leis ordinárias*. Apesar do uso corrente da palavra, o conceito de texto não é tão simples: mesmo para aquelas pessoas habituadas a empregar esse termo com freqüência.

Começemos por definir quais são as propriedades de um texto:

1

A primeira é que ele tem coerência de sentido. Isso quer dizer que ele não é um amontoado de frases, ou seja, nele, as frases não estão pura e simplesmente dispostas umas após as outras, mas estão relacionadas entre si. É por isso que, nele, o sentido de uma frase depende do sentido das demais com que se relaciona. O exemplo do texto com que iniciamos esta lição mostra de maneira simples e clara que o sentido de qualquer passagem de um texto é dado pelo todo. Se não levarmos em conta as relações de uma frase com as outras que compõem o texto, corremos o risco de atribuir a ela um sentido oposto àquele que ela efetivamente tem.

Uma mesma frase pode ter sentidos distintos dependendo do contexto dentro do qual está inserida. Precisemos um pouco melhor o conceito de contexto. É a unidade maior em que uma unidade menor está inserida. Assim, a

(u)



ABCD, colagem de Raoul Hausmann, de 1923.

frase (unidade maior) serve de contexto para a palavra; o texto, para a frase, etc. O contexto pode ser explícito, quando é expresso com palavras, ou implícito, quando está embutido na situação em que o texto é produzido. Quando Lula disse a Collor no primeiro debate do segundo turno das elei-

O princípio da coerência de sentido pode ser observado mesmo em quadros construídos a partir de fragmentos aparentemente desconexos. Nesta colagem do início do século, a profusão de elementos traduz o atordoamento do homem da época diante do massacre, por vezes indiscriminado, de informações.

ções presidenciais de 1989 *Eu sabia que você era collarido por fora, mas caiado por dentro*, todos os brasileiros entenderam que essa frase não queria dizer *Você tem cores por fora, mas é revestido de cal por dentro, mas Você apresenta um discurso moderno, de centro-esquerda, mas é reacionário*. Como foi possível entender a frase dessa maneira? Porque ela foi colocada dentro do contexto dos discursos da campanha presidencial. Nele, o adjetivo *collarido* significava "relativo a Collor", "adepto de Collor"; Collor apresentava-se como um renovador, como alguém que pretendia modernizar o país, melhorar a distribuição de renda, combater os privilégios dos mais favorecidos; Ronaldo Caiado era o candidato mais à direita, defendia a manutenção do *statu quo*, etc. As frases ganham sentido, porque estão correlacionadas umas às outras.

Um texto é, pois, um todo organizado de sentido. Dizer que ele é um todo organizado de sentido implica afirmar que o texto é um conjunto formado de partes solidárias, ou seja, que o sentido de uma depende das outras.

Que é que faz que um conjunto de frases forme um texto e não um amontoado desorganizado? São vários os fatores. Citemos por enquanto dois. O primeiro é a coerência, isto é, a harmonia de sentido de modo que não haja nada ilógico, nada contraditório, nada desconexo, que nenhuma parte não se solidarize com as demais. A base da coerência é a continuidade de sentido, ou seja, a ausência de discrepâncias. Em princípio, seria incoerente um texto que dissesse *Pedro está muito doente. O quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadrado dos catetos*. Essa incoerência seria dada pelo fato de que não se percebe a relação de sentido entre as duas frases que compõem o texto. Um outro fator é a ligação das frases por certos elementos que recuperam passagens já ditas ou garantem a concatenação entre as partes. Assim, em *Não chove há vários meses. Os pastos não poderiam, portanto, estar verdes*, o termo *portanto* estabelece uma relação de decorrência lógica entre uma e outra frase. Esse segundo fator é menos importante que o primeiro, pois, mesmo sem esses elementos de conexão, um conjunto de frases pode ser coerente e, por conseguinte, um todo organizado de sentido. Observe o texto abaixo, de Carlos Drummond de Andrade:

O QUE SE DIZ

Que frio! Que vento! Que calor! Que caro! Que absurdo! Que bacana! Que tristeza! Que tarde! Que amor! Que besteira! Que esperança! Que modos! Que noite! Que graça! Que horror! Que doçura! Que novidade! Que susto! Que pão! Que vexame! Que mentira! Que confusão! Que vida! Que talento! Que alívio! Que nada...

Assim, em plena floresta de exclamações, vai-se tocando pra frente.

Faltam elementos de ligação entre as partes no primeiro parágrafo, mas a última frase, *Assim, em plena floresta de exclamações, vai-se tocando pra frente*, produz a unidade de sentido. O texto deixa de ser um amontoado aleatório de exclamações, adquirindo coerência e, dessa forma, mostrando o caráter estereotipado de nossa linguagem cotidiana.

2

A segunda característica de um texto é que ele é delimitado por dois brancos. Se o texto é um todo organizado de sentido, ele pode ser verbal (um conto, por exemplo), visual (um quadro), verbal e visual (um filme) etc. Mas, em todos esses casos, será delimitado por dois espaços de não-sentido, dois brancos, um antes de começar o texto e outro depois. É o espaço em branco no papel antes do início e depois do fim do texto; é o tempo de espera para que o filme comece e o que está depois da palavra *Fim*; é o momento antes que o maestro levante a batuta e o momento depois que ele a abaixa, etc.



Sagrada Família, pintura de Michelangelo, de 1504.

Durante séculos, a moldura dos quadros cumpriu a função de isolá-los do entorno, visando a estabelecer com nitidez um campo para o olhar, ou seja, um espaço de significação, da mesma forma que os brancos antes e depois de um texto verbal.

3

O texto é produzido por um sujeito num dado tempo e num determinado espaço. Esse sujeito, por pertencer a um grupo social num tempo e num espaço, expõe em seus textos as idéias, os anseios, os temores, as expectativas de seu tempo e de seu grupo social. Todo texto tem um caráter histórico, não no sentido de que narra fatos históricos, mas no de que revela os ideais e as concepções de um grupo social numa determinada época. Cada período histórico coloca para os homens certos problemas e os textos pronunciam-se sobre eles. Por exemplo, em nossa época, em que os recursos naturais do planeta correm o risco de esgotar-se, aparece o discurso ecologista que mostra a necessidade de preservar a natureza com vistas à manutenção da espécie humana.

6



Cem latas, pintura de Andy Warhol, de 1962.

O próprio fato de escolher um produto de consumo diário — no caso, uma lata de sopa — para com ele construir uma pintura é uma forma de representar certo estágio de desenvolvimento atingido por uma sociedade.

b) uma leitura, de um lado, não pode levar em conta o que não está no interior do texto e, de outro, deve levar em consideração a relação, assinalada, de uma forma ou de outra, por marcas textuais, que um texto estabelece com outros.

Não há texto que não mostre o seu tempo. Cabe lembrar, no entanto, que uma sociedade não produz uma única forma de ver a realidade, um único modo de analisar os problemas colocados num dado momento. Como ela é dividida em grupos sociais, que têm interesses muitas vezes antagônicos, produz idéias divergentes entre si. A mesma sociedade que gera a idéia de que é preciso pôr abaixo a floresta amazônica para explorar suas riquezas, produz a idéia de que preservar a floresta é mais rentável. Cabe lembrar, no entanto, que algumas idéias, em certas épocas, exercem domínio sobre outras, ganhando o estatuto de concepção quase geral na sociedade.

É necessário entender as concepções existentes na época e na sociedade em que o texto foi produzido para não correr o risco de compreendê-lo de maneira distorcida.

Como as idéias só podem ser expressas por meio de textos, analisar a relação do texto com sua época é estudar as relações de um texto com outros.

Poderíamos dizer que um texto é, pois, um todo organizado de sentido, delimitado por dois brancos e produzido por um sujeito num dado espaço e num dado tempo.

Duas conclusões podemos tirar dessa noção:

a) uma leitura não pode basear-se em fragmentos isolados do texto, já que o significado das partes é determinado pelo todo em que estão encaixadas;

“TEXTO COMENTADO.”

O texto que segue é um anúncio publicitário publicado pela revista *Veja*.

O produto anunciado são os carros russos Lada, que acabavam de entrar no mercado brasileiro.

**APROVEITE QUE OS RUSSOS
NÃO ENTENDEM NADA SOBRE LUCRO.
ELES AINDA FAZEM CARROS
QUE DURAM PELO MENOS 20 ANOS.**

Se existe alguma coisa que os russos não sabem fazer direito é ganhar dinheiro. Eles ainda pensam que é um bom negócio fazer um carro moderno, confortável, resistente, com chapa de aço belga, um motor simples, em que qualquer mecânico mexe e que ainda por cima não dá manutenção. É que os russos que fabricam os Lada estão acostumados a consumidores que ficam de 10 a 15 anos com o mesmo carro, que vendem para outros consumidores que também ficam um tempão com o mesmo carro, que vendem para outros. Na Rússia, o carro que não resistir a tantos consumidores não é bom. E olhe que não deve ser fácil fazer um carro que funcione perfeitamente por tantos anos em um país onde só 15% das estradas são pavimentadas. Mas você não mora na Rússia e, com certeza, não tem um carro russo. Então, você deve estar pensando em trocar de carro daqui a pouco. Espere só até novembro e compre os primeiros Lada que vão chegar ao Brasil. Porque, do jeito que os russos aprendem rápido, logo, logo eles podem aprender a ganhar dinheiro.

Para demonstrar que, num texto, o significado de uma parte depende de suas relações com as outras, vamos interpretar, isoladamente, o significado das duas primeiras linhas do texto acima. Quando se diz *"Aproveite que os russos não entendem nada sobre lucro"*, a frase remete para o fato de que a Rússia era o país líder do bloco socialista e de que lá, portanto, não havia necessidade de buscar o lucro, como nos países capitalistas. Como esse texto é de 1990, quando eram notórias as dificuldades econômicas por que passava a então União Soviética, pode-se pensar que a concepção sobre a qual o texto vai trabalhar é a da superioridade da economia capitalista sobre a socialista, ou seja, pode-se imaginar que o texto considerará negativo o fato de os russos não entenderem nada sobre lucro.

As duas linhas seguintes começam a mostrar que essa hipótese interpretativa não é verdadeira. Seus carros não estão submetidos à obsolescência crescente planejada pela indústria capitalista para que o consumo seja sempre maior: eles duram pelo menos vinte anos.

O texto em letras menores confirma essa última hipótese de leitura: os russos não sabem ganhar dinheiro, porque pensam que bom negócio é fabricar um carro moderno, confortável, resistente (com chapa de aço belga, que dura muito tempo e passa de um dono a outro, que suporta estradas não pavimentadas), com motor simples (em que qualquer mecânico mexe), que não dá manutenção.

Agora o sentido se apresenta em toda a plenitude e é contrário ao que as duas primeiras linhas, isoladas do contexto, davam a entender. Bom negócio, para o industrial capitalista, é fabricar um carro que não dure muito tempo e, por conseguinte, precise ser trocado. Daí decorre que o lucro, segundo o texto, é algo que se obtém à custa do consumidor, é fruto da ganância. O lucro é a mola do capitalismo. Já os russos, por não serem capitalistas, não visam ao lucro e fabricam, por isso, produtos de grande durabilidade. O lucro e, por extensão, o sistema que o produz são negativos para o consumidor, enquanto não entender de lucro é positivo para ele, pois não o submete à obsolescência planejada.

O texto é uma publicidade dos carros russos Lada, veiculada na época em que começaram a ser vendidos no Brasil. A estratégia de persuasão do texto é transformar o que sempre se considerou um ponto negativo da economia socialista em ponto positivo para o consumidor. A última frase conclama o comprador potencial a efetuar o negócio rapidamente, acenando com o perigo das transformações por que passa a Rússia. Transformando-se em economia submetida às chamadas leis do mercado, os russos aprenderão a ganhar dinheiro e, por conseguinte, o consumidor estará submetido à obsolescência planejada, não tendo mais bens bastante duráveis.

“LIÇÃO 1.”

EXERCÍCIOS

QUESTÃO 1

Os dois personagens centrais dessa narrativa vêm indicados por duas designações iniciais: *um preto ... outro* ("era um preto que vergalhava outro na praça"). Como no interior de um texto, uma passagem explica outra, cada um desses personagens vem designado por outras palavras assim distribuídas ao longo do texto:

UM PRETO	OUTRO
meu senhor; meu senhor (linha 7)	o outro (linha 5)
o primeiro (linha 8)	diabo (linha 11)
ele (linha 11)	bêbado (linha 12)
meu senhor (linha 13)	o outro (linha 13)
o vergalho (linhas 14-5)	besta (linha 14)
o do vergalho (linha 17)	aquele preto, escravo (linha 21)
o meu moleque Prudêncio (linhas 17-8)	vadio, bêbado (linha 24)
o que meu pai libertara (linhas 18-9)	ele (linha 25)
ele (linha 19)	ele (linha 26)
lhe (linha 21)	lhe (linha 28)
dele (linha 21)	bêbado (linha 30)
te (linha 23)	a outro (linha 43)
o Prudêncio (linhas 41-2)	um escravo (linha 50)
o, lhe (linha 44)	lhe (linha 51)
o, ele (linha 45)	
de si mesmo (linha 47)	
ele, se (linha 50)	
do maroto (linhas 52-3)	

Como se pode notar, esses dois grupos de palavras servem para costurar entre si várias passagens do texto e também para o narrador ir construindo o perfil de cada uma das personagens. Na coluna 1, além dos pronomes (*ele, lhe, dele, te* etc.), que servem para evitar repetições enfadonhas e para indicar correlações entre passagens do texto, ocorrem palavras e expressões com que o narrador dá informações sobre Prudêncio e traduz o modo como este trata o outro preto.

- Que informações importantes o narrador nos dá sobre Prudêncio?
- Como define o modo de Prudêncio tratar o escravo que adquirira depois de libertado?

QUESTÃO 2

Na coluna 2, ao lado dos pronomes que se referem ao escravo que era açoitado, existem palavras que, de um lado, servem para confirmar o autoritarismo e a crueldade de Prudêncio, de outro, servem para indicar a imagem que Prudêncio fazia de seu escravo.

- Cite algumas dessas palavras.
- Qual é a imagem que criam do escravo segundo Prudêncio?

QUESTÃO 3

As palavras ou frases exclamativas servem

para exprimir sentimentos de variados tipos: horror, espanto, desespero, raiva, medo etc.

No interior do texto (linha 16) ocorre a seguinte exclamação: "*Justos céus!*"

- De que personagem procede esse grito?
- Que tipo de sentimento exprime?
- Que tipo de ocorrência provocou tal sentimento no narrador?

QUESTÃO 4

- Quais são as palavras que o homem chicoteado usa para tratar o seu atual senhor?
- Quais as que Prudêncio usa para se dirigir ao narrador? Qual o seu significado?

c) Considerando o grau de formalidade próprio de cada uma dessas expressões, quem é que demonstra menos intimidade no trato com o seu superior hierárquico?

QUESTÃO 5

Na sua opinião, o capítulo em questão mostra um narrador preocupado com a instituição escravagista ou apenas preocupado em revelar formas do comportamento humano?

QUESTÃO 6

O narrador diz que gosta dos capítulos alegres.

- O capítulo em questão é alegre?
- Fundamente sua resposta.

QUESTÃO 7

No diálogo entre Nhonhô e Prudêncio, a linguagem do ex-escravo é marcada por desvios da norma culta da língua, em contraste com a do seu ex-senhor, absolutamente ajustada às prescrições gramaticais: a colocação pronominal e a coerência no uso das pessoas do pronome e do verbo são índices disso ("Fez-te"; "perdoa-lhe").

- Cite, na fala de Prudêncio, alguns desvios da língua culta escrita.
- Considerando que, num texto, todas as ocorrências contribuem com o sentido global, tente interpretar a função desses desvios da língua culta para a caracterização da personagem Prudêncio.

QUESTÃO 8

Levando em conta o texto na sua totalidade, podemos dizer que nele:

- o narrador ironiza, com certo amargor, o procedimento do seu ex-escravo.
- Prudêncio, a julgar por esse espetáculo, é tão severo com o seu escravo quanto com o seu ex-senhor.
- o narrador apresenta plenas justificativas para o mau comportamento do seu ex-escravo.
- o narrador tenta explicar os motivos que levam um homem a odiar outro.
- o narrador se mostra surpreso com a reação do homem chicoteado perante as vergalhadas de seu senhor.

QUESTÃO 9 (VUNESP)

A maior injustiça que eu ainda vi desenfreada e às soltas na face da terra foi a que prendeu os senhores Almeida e Manuel Caetano, a propósito de uma tentativa de roubo ao senhor Lobo da Reboleira.

Vinham aqueles inofensivos cidadãos pelo seu caminho, mansos e quietos, e desprendidos de cobiça. Passaram à porta do capitalista no momento em que o senhor Lobo escorregava nas escadas íngremes e oleosas de sua casa, gritando que andavam ratoneiros lá dentro. O senhor Almeida, quando tal ouviu, receou que o tomassem por um dos salteadores, e estugou o passo. O senhor Manuel Caetano, menos amedrontado das suspeitas, mas temeroso de ser chamado como testemunha, fugiu também. Os vizinhos do senhor Lobo, vendo fugirem dois homens, e ouvindo os gritos da criada do milionário, correram atrás deles, e auxiliados pela guarda do Banco, apanharam-nos. São o queixoso e sua criada, convidados a reconhecer os ladrões, e não os conhecem. São chamados os vizinhos, que os perseguiram, e asseveram a identidade das pessoas.

Aqui está a história contada pelos presos, únicos, a meu ver, que a podem contar como ela foi. Mas haverá de oito meses que estão esperando que os julguem. Tomou cargo de defesa Marcelino de Matos.

Se o júri provar a inocência destes dois homens, qual é o artigo da lei que impõe no ministério público o sacratíssimo dever de os indenizar?

Camilo Castelo Branco. *Memórias do cárcere*. Lisboa, A. M. Pereira, 1966. v. 2, p. 120-1.

No excerto que lhe apresentamos, há pelo menos duas palavras que não são comuns no português coloquial brasileiro: *ratoneiro* e *estugar*. O contexto, no entanto, permite entender o que significam.

Releia o texto de Camilo, e a seguir indique:

- o sentido das duas palavras;
- os elementos contextuais que permitem entender tal sentido.

QUESTÃO 10 (FUVEST)

Aquela senhora tem um piano
Que é agradável mas não é o correr dos rios
Nem o murmúrio que as árvores fazem...

Por que é preciso ter um piano?
O melhor é ter ouvidos
E amar a natureza.

Alberto Caetano (heterônimo de Fernando Pessoa).

Que simboliza o piano no poema?

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

1) No capítulo XI de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o narrador, falando de sua infância, confessa-se um "menino diabo", teimoso e birrento. Entre algumas de suas crueldades faz alusão a esta, que diz respeito ao modo como tratava o seu então escravo Prudêncio:

(...) Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — "ai, nhonhô!" — ao que eu retorquia: — "Cala a boca, besta!"

Machado de Assis, op. cit., p. 32-3.

No capítulo LXVIII, o mesmo narrador observa que, ao deixar o grupo, este o olhava espantado e cochichava as suas conjeturas, isto é, fazia suposições sobre a cena que acabava de presenciar.

Suponha que, entre as pessoas que cochichavam, havia uma que soubesse do passado de Prudêncio. Ela ouviu calada as suposições e comentários do grupo e, depois de um certo tempo, resolveu contar o que sabia.

Conforme se viu, num texto, o significado

de uma passagem depende de informações contidas em passagens anteriores.

Redija um texto, expondo os comentários que os integrantes do grupo faziam:

a) antes de terem informações sobre o passado de Prudêncio;

b) depois de saberem que ele repetia ali, com seu atual escravo, as mesmas crueldades que seu ex-senhor fazia com ele.

2)

Excelente escravo

Vende-se um creoulo de 22 annos, sem vicio e muita fiel: bom e aceado cozinheiro, copeiro, bolieiro. Faz todo o serviço de arraujo de casa com presteza, e é o melhor trabalhador de raça que se pôde desejar; humilde, obediente e bonita figura. Para tratar: a ladeira de S. Francisco n. 4. 5 4

EXCELLENTE ESCRAVO

Vende-se um creoulo de 22 annos, sem vicio e muita fiel: bom e aceado cozinheiro, copeiro, bolieiro. Faz todo o serviço de arraujo de casa com presteza, e é o melhor trabalhador de raça que se pôde desejar; humilde, obediente e bonita figura. Para tratar na ladeira de S. Francisco n. 4. 54

100 anos de Propaganda. São Paulo, Abril Cultural, 1980. p. 5.

Este anúncio é verídico e foi transcrito do jornal *A Província de São Paulo* — antigo nome do atual *O Estado de S. Paulo* — do dia 21 de dezembro de 1878. *Memórias póstumas de Brás Cubas* veio à luz no ano de 1881, data bem próxima à da publicação do anúncio. Essa coincidência serve para revelar que todo texto, mesmo o de ficção, reflete temas do contexto histórico em que é produzido.

Imagine-se no tempo em que o texto de Machado de Assis e o anúncio do jornal foram escritos. Levando em conta os dados sugeridos por eles, escreva uma narração supondo a seguinte situação:

O "Excelente escravo" do anúncio foi comprado por uma viúva com cinco herdeiros ambiciosos, dona de muitos bens e cheia de particularidades a esconder.